

VALTER DA ROSA BORGES

A REALIDADE TRANSCENDENTAL

**(UMA INTRODUÇÃO À
TRANSCENDENTOLOGIA)**

Edições Bagaço - Recife - 1999

Este livro é apenas o marco inicial de uma nova ordem de conhecimento interdisciplinar que denominamos de Transcendentologia. Ele não tem a pretensão de ser um tratado sobre o transcendental, mas se propõe a oferecer

uma visão panorâmica e sistematizada de fenômenos insólitos que evidenciam a existência de um outro nível da realidade - a realidade transcendental.

A Transcendentologia, que tem por objeto o estudo e a investigação da fenomenologia transcendentológica e das concepções a respeito da realidade transcendental, não é uma nova ciência, uma nova filosofia, uma nova religião, mas um sistema cognitivo autônomo que não é redutível a qualquer dos três ramos clássicos do conhecimento. Mas, por sua natureza interdisciplinar, se vale dos subsídios de cada um deles, seja no que diz respeito à metodologia de pesquisa, seja no que concerne às reflexões e análises comparativas dos fenômenos transcendentais.

Enquanto a ciência procura, cada vez mais, adentrar-se no conhecimento da realidade física, ampliando a sua visão do mundo dito material, desde a investigação das partículas elementares até a procura de novos universos nas mais distantes galáxias, a Transcendentologia se remete à investigação de outros níveis da realidade que, de uma forma ou de outra, interajam com o nível da realidade onde vivemos. No mundo contemporâneo, voltado quase que totalmente para o exterior, com os seus desafios, conquistas e seduções, a preocupação com questões classificadas de metafísicas passou a ocupar um lugar secundário e de interesse ocasional.

A realidade transcendental, pela sua complexidade, não pode ser abordada apenas sob uma determinada óptica cognitiva, mas por um elenco epistemológico de saberes, cuja convergência empírica, experimental e especulativa resulte na compreensão, cada vez mais profunda, das dimensões do real.

A Transcendentologia, que tivemos a ousadia de criar, não é uma resposta, mas uma proposta às questões que transcendem a rotina dos fatos ordinários e constitui um salutar desafio àqueles que se aventuram perigosamente a navegar pelo oceano do Desconhecido.

CAPÍTULO I

A REALIDADE TRANSCENDENTAL

Matéria & realidade

Para se postular a existência de um universo transcendental, é necessário, preliminarmente, questionar se a matéria é o fundamento da realidade física e se só o que é material é real.

A ciência vem procurando, até hoje, identificar a realidade com a matéria e encontrar o elemento fundamental da própria materialidade.

Inicialmente, concebeu a matéria como tudo o que nos afeta e que podemos perceber.

Depois, observou que poderíamos também ser afetados pelo que não percebíamos. Então, a matéria passou a ser entendida como tudo o que nos afeta, mesmo aquilo que não podemos perceber, tais como os raios ultravioletas, os microorganismos, etc.

Graças, porém, ao crescente progresso científico e tecnológico e em razão das nossas extensões artificiais, estamos aumentando, gradativamente, o alcance da nossa materialidade.

Teilhard de Chardin proclamava que toda vida consiste em ver e que a história do mundo vivo se reduz a criação de olhos cada vez mais perfeitos no seio de um Cosmo onde é possível perceber sempre melhor. Tem razão Chardin: quanto mais percebemos, mais aumenta a materialidade do nosso universo.

Pensamentos, emoções, idéias, desejos têm também a sua “materialidade”, pois podem nos afetar, apesar de sua imaterialidade.

Mas, afinal, o que é a matéria?

Aitareya definiu a matéria como tudo o que é capaz de manifestação, afirmando que entre a matéria original e a matéria final há inúmeras gradações.

O Jainismo, por sua vez, lecionava a existência de seis níveis da matéria: a) o denso-denso ou físico; b) o denso; c) o denso-sutil; d) o sutil-denso; e) o sutil; f) o sutil-sutil.

Para Leibniz, a matéria, na sua essência, é força, visto ser constituída de um conjunto infinito de centros de força, denominados de mônadas, que são átomos virtuais.

Berkeley, por sua vez, afirmou que a matéria não existe, pois é um conjunto de qualidades sensíveis. Em consonância com a Escola Vedanta, ele asseverava que o mundo é uma representação de Deus e só existirá enquanto Deus pensar nele.

Hume proclamava que a realidade são fenômenos subjetivos e que causa e substância, tempo e espaço não passam de criações psicológicas.

Bergson sustentava que a realidade é "lastreada de geometria". E assinalou:

"A realidade é um processo de perene criação sem princípio nem fim, que não tem duas vezes a mesma fisionomia, mas assume a cada instante um aspecto original e imprevisível". Por isso, a forma *"nada mais é senão um instantâneo tomado numa transição"*.

Para Bergson, *"não há coisas, apenas atividades"*.

Pietro Ubaldi assinalava que a matéria é, essencialmente, relações e trajetória e que o real na vida não é a forma, mas o seu tornar-se.

Para Bertrand Russel *"a matéria, em seu centro, está reduzida a uma simples ficção matemática"*. A matéria não é mais constituída por "coisas". Ela foi substituída *"por emanações de uma localidade"* e a Física moderna reduziu a matéria a *"um conjunto de eventos que se deslocam para o exterior"*

provenientes de um centro". A coisa é "uma construção lógica", tem uma "realidade momentânea" e não passa de "uma determinada série de aparências, relacionadas entre si pela continuidade e por certas leis causais".

E concluiu:

"Agora, devido principalmente a dois físicos alemães, Heisenberg e Schrödinger, os últimos vestígios do velho átomo sólido dissolveram-se e a matéria tornou-se tão fantástica quanto uma visão espírita".

Para John Gribbin, *"nada é real, senão enquanto vemos"*, tal como sucede no mundo quântico.

Werner Heisenberg comentou ser difícil considerar a matéria como *"verdadeiramente real"* e assegurou que, para a ciência moderna, não há mais objeto material, porém forma, simetria, matemática.

Heisenberg advertiu que a física moderna se inclinou, definitivamente, em favor de Platão, porque as mínimas partes da matéria não são, de fato, objetos físicos no sentido ordinário da palavra, mas formas, estruturas ou, na acepção platônica, Idéias, que podem ser descritas, sem ambigüidade, em linguagem matemática.

Teilhard de Chardin advertia:

"Atingindo o extremo de suas análises, os físicos não sabem mais se a estrutura que eles alcançaram é a essência da matéria que eles estudam ou, então, reflexo de seu próprio pensamento."

E Arthur Koestler escreveu um réquiem final para a matéria:

"Todo um corpo de laureados do Prêmio Nobel da Física ergue sua voz para nos anunciar a morte da matéria, a morte da causalidade, a morte do determinismo."

Aliás, conforme observou Heinz Pagels, a matéria é a exceção na moderna concepção do universo, onde quase tudo é vácuo. Não um vácuo como vazio, mas como plenitude, formado de pares de partículas e antipartículas espontaneamente criados e aniquilados. Podemos, assim, dizer que o vazio está pleno de infinitas potencialidade pulsantes.

Afirma, ainda, Pagels que tudo o que pode ter existido ou virá a existir está potencialmente no nada do espaço, o que nos faz lembrar, de certo modo, a hipótese dos "registros akashicos" do ocultismo.

James Jean declarou que a melhor maneira de descrever o universo, mesmo de forma imperfeita e inadequada, consiste em considerá-lo como um pensamento puro, um pensamento de quem, à falta de outro conceito mais abrangente, poderíamos descrever como um pensador matemático. Na verdade, disse ele, o universo está começando a parecer mais um grande pensamento do que uma grande máquina.

Henri Margenau vai mais além e postula que a matéria nada mais é do que um constructo da mente.

A realidade virtual, criada por programas de computadores, são simulações da realidade e que, um dia, poderão tornar-se concretas. O computador antecipa vivências e situações, propiciando amostragens de futuros possíveis. O real físico sofre, agora, a concorrência do real virtual e passa a ser controlado, até certo ponto, por ele.

A realidade, no entanto, para nós, é sempre material, pois matéria é o modo como decodificamos a realidade. A matéria, portanto, não é ilusória, mas, sim, a nossa crença de que ela é a única forma da realidade.

A matéria é um constructo perceptual de cada organismo, e cada espécie, aqui, na Terra, tem o seu universo material específico. Logo, a realidade não se

reduz à nossa materialidade humana e, conseqüentemente, existem outros níveis da realidade com a sua materialidade própria.

Ainda não se comprovou que matéria é constituída de elementos irreduzíveis, indivisíveis, pois a ciência, até agora, não descobriu o átomo, na verdadeira acepção do termo. Já foram identificados cinco níveis da matéria – moléculas, átomos, núcleos, hádrões e quarks – e ainda não foi encontrada a sua estrutura fundamental. A realidade parece ser composta de infinitos níveis fenomenológicos, com ilusórios elementos constitutivos. Por isto, afirmava Pietro Ubaldi que *"cada mundo é real em seu nível e é ilusório, se visto de outros níveis"*.

Onde termina a matéria e começa a energia e vice-versa?

Einstein sustentou que matéria é energia congelada. E Pietro Ubaldi advertiu que a diferença entre matéria e energia consiste na diversidade do movimento: rotatório, fechado em si mesmo, na matéria; ondulatório, de ciclo aberto e lançado no espaço, na energia.

A materialidade não está lá fora, mas em nós mesmos, no nosso modo de perceber o mundo exterior. Matéria é a nossa relação com os seres e as coisas. Isso não quer dizer que eles sejam produtos da nossa mente, mas, sim, que eles são materiais para nós porque podemos percebê-los. A essência da matéria é, portanto, a percepção. A cultura da sociedade em que vivemos é que nos fornece a materialidade das nossas percepções. Por isso, nós vemos a realidade com os olhos que a cultura nos deu, porque ver não é um fato apenas biológico, mas principalmente uma experiência culturalmente condicionada. O que chamamos de *fato* é uma percepção interpretada.

A Escola de Copenhague afirma que a realidade quântica é, em parte, criada pelo observador. Ou seja, como diz Heinz Pagels, a intencionalidade humana influencia a estrutura do mundo físico. Por isso, John Wheeler asseverou que nenhum fenômeno é fenômeno, senão quando observado. Assim, podemos argumentar que a matéria só é matéria quando nós a percebemos.

No passado, Gargyayana já afirmava que a realidade é a mente. O mesmo dizia o Hermetismo. A Escola Yogachara enfatizava que o mundo exterior é o próprio pensamento e que as coisas nada mais são do que representações ou idéias. E, finalmente, os fundadores da Escola da Mente, Lu Hsiang-Shan e Wang Yang Ming, ensinavam que o universo e a mente são idênticos e que nada existe fora da mente.

No mundo moderno, Eddington concluiu que o estofado do mundo é de natureza mental.

O que chamamos de físico, portanto, é a materialidade específica do nosso universo e ela é apenas uma das formas de "materialidade" do real.

Existe uma realidade transcendental?

Uma região da realidade, além do tempo e do espaço, sempre foi intuída por místicos e filósofos, e, atualmente, por cientistas. Platão concebeu-a como o mundo das Idéias. David Bohm a denominou de ordem implícita ou implicada. E Rupert Sheldrake, de campos morfogenéticos.

Esta realidade, que podemos denominar de **realidade transcendental** é a região matriz da realidade fenomênica. Ela é tida como o mundo real, o mundo das possibilidades infinitas, pois a essência do real é o possível. Assim, o que chamamos de real é apenas uma parte do possível que fenomenologicamente se realizou.

Wolfgang Pauli postulava a existência, no cosmo, de uma ordem distinta do mundo das aparências e que escapa à nossa capacidade de escolha.

Arthur Eddington afirmou, enfaticamente, que toda realidade é de natureza espiritual e não material, e não é em parte material e em parte espiritual. E, incisivamente, asseverou que a exploração do mundo exterior, com os métodos da ciência física, não nos conduz a uma realidade concreta, mas a um mundo de sombras e símbolos, para além do qual aqueles métodos são incapazes de penetrar. Eddington concluiu que o mundo está composto de “matéria mental”.

A realidade transcendental é anterior, simultânea ou posterior à realidade física? É ela a causa ou consequência da nossa realidade dita material?

Scott Rogo mencionou a seguinte hipótese:

"Um vasto reino espiritual pode ter surgido ao mesmo tempo que a vida evoluiu neste planeta e enquanto tomavam forma nossa concepção da existência. Seria vão indagar se os nossos pensamentos criaram essa dimensão espiritual ou se o reino espiritual promoveu a evolução do homem. Tudo o que se poderia propor é que o mundo físico e o mundo espiritual desenvolveram-se mutuamente, cada qual interagindo dinamicamente com o outro. A medida que o pensamento e a fé humana evoluíram geraram um sistema de crenças que se tornaram realidades no interior do reino espiritual. Uma vez criadas, essas realidades tornaram-se independentes das mentes e das crenças, que lhes deram origem.

O que essa teoria declara é relativamente simples. Quando um grupo de pessoas ou uma sociedade inteira partilha uma visão do mundo religioso em comum, sua ideologia acaba por se traduzir numa realidade espiritual literal. O mundo de Jesus, da Virgem Maria e dos anjos existe de fato nessa realidade, e continuará a existir enquanto as crenças cristãs forem aceitas por milhões de pessoas. O reino dos deus hindus e os muitos céus e infernos que constituem o reino espiritual da crença budista podem igualmente existir nessa dimensão.

Essa hipótese pode certamente ajudar a explicar alguns dos milagres que deparamos ao estudar a vida dos místicos da Igreja. É difícil ler suas biografias sem reconhecer que as visões e as aventuras espirituais que eles vivenciaram durante os seus êxtases eram algo mais do que meras alucinações produzidas por suas crenças religiosas. Em seus transes, esses místicos, como Teresa de Ávila, Catarina Emmerich, Therese Neumann e muitos outros estavam provavelmente entrando numa dimensão espiritual tão real para eles como o mundo dos cinco sentidos o é para nós. O mesmo se poderia dizer dos mundos espirituais para onde os xamãs das culturas primitivas viajam durante os seus transes e experiências fora do corpo.

Esse reino espiritual pode não existir como uma realidade pessoal em benefício unicamente desses místicos. Como um sistema de crenças ou uma concepção do mundo se converte em realidade no reino espiritual, torna-se também uma realidade para toda a cultura que o sustenta. Embora a maioria de seus membros possa não estar em contato com ele durante suas vidas terrenas, ainda assim ele existe no universo.

Essa teoria geral pode também fornecer uma explicação para os notáveis poderes "superpsíquicos" de fazedores de milagres como São José de Cupertino, Santo Antônio de Pádua, Padre Pio e Teresa Higginson, cujas habilidades parecem ser muito maiores e mais consistentes do que as dos numerosos paranormais que vêm chamando a atenção da parapsicologia durante décadas.

Os santos e místicos de todas as religiões são fazedores de milagres exatamente por causa de sua sensibilidade a esse reino espiritual. Se seus poderes psíquicos os põem em contato com o mundo espiritual ou se o contato com o mundo espiritual os leva a tornarem-se paranormais é uma questão controversa. Seja qual for o caso, talvez esses indivíduos paranormais possam lançar mão de vastos reservatórios de energia espiritual gerada por esse reino espiritual a fim de intensificar suas capacidades. Podem estar tão sintonizados com as forças criativas do universo que se tornam capazes de usar essa energia criativa para modificar os padrões da realidade".

Certos fenômenos paranormais estudados pela Parapsicologia e outros tidos por milagrosos, observados em todas as religiões, transgridem as leis da realidade física e ultrapassam, de muito, a capacidade do ser humano, permitindo-nos especular sobre a existência de outro nível da realidade - a realidade transcendental. Os fenômenos paranormais e os milagrosos são fenômenos insólitos, mas nem todos os fenômenos insólitos são paranormais ou milagrosos, pois podem consistir numa manifestação patológica da mente humana ou naquilo que se chama aberração da natureza ou teratologia.

Há uma intencionalidade, um conhecimento e um poder por trás de certos fenômenos insólitos que não podem ser explicados pelas aptidões ainda pouco conhecidas do inconsciente do homem.

Parece-nos sensato admitir que os fenômenos insólitos que não possam, razoavelmente, ser atribuídos a uma pessoa humana, na condição de **agente psi**, devem ser considerados como indícios da interferência de um **agente transcendental**, nome genérico para os **seres transcendentais**, identificados, pelas religiões, como deuses, anjos, demônios, devas, espíritos da natureza e espíritos dos mortos.

Este **universo transcendental**, também conhecido por **mundo espiritual**, é, até hoje, do domínio exclusivo das religiões, que jamais se conciliaram para buscar uma visão holística e coerente do mesmo. E a competição acirrada e dogmática entre as diversas religiões só resultou em conflitos desnecessários e na manutenção de concepções setorizadas e excludentes a respeito da realidade transcendental.

Enquanto a Ciência tem procurado harmonizar todas as ciências dentro de uma concepção unificada da sua metodologia cognitiva, a Religião, pelo contrário, se mantém fragmentada pela querela estéril de religiões e seitas, dando a impressão de que a realidade transcendental é, fundamentalmente, caótica e ininteligível.

Parece-nos evidente que a realidade transcendental é extremamente complexa, constituída de diferentes níveis fenomenológicos, o que, por certo, esclarece a diversidade das revelações espirituais e das comunicações mediúnicas. Há, porém, uma interessante convergência nestes relatos: a existência de planos espirituais hierarquizados, melhor diríamos, diversificados. É a nossa tendência à simplificação que nos deixa atordoados e confusos ante a presumível heterogeneidade da realidade transcendental.

A Parapsicologia, instituindo-se como ciência, procurou humanizar o insólito, atribuindo a aptidões humanas ainda desconhecidas a causa única de tais fenômenos. O avanço científico e tecnológico, como um todo, vem favorecendo esta tarefa da Parapsicologia, minimizando a explicação transcendental, visto que alguns fenômenos paranormais já podem ser voluntariamente obtidos em laboratório.

Definição da paranormalidade

Ainda não existe, entre os parapsicólogos, um consenso para definir o conceito de paranormal, principalmente porque ainda não sabemos determinar o que é normalidade e quais os seus limites. Empiricamente, porém, distinguimos um fato normal de um acontecimento insólito, visto que normal é, para nós, tudo aquilo que é habitual, previsível e até mesmo, em certos casos, controlável. Tudo o que é insólito nos assusta ou incomoda, porque perturba as nossas expectativas e nos priva, ainda que temporariamente, da segurança que nos proporciona o conhecido. Mas, o insólito, paradoxalmente, também nos fascina por descortinar novas modalidades do real, rompendo com a rigidez de certos determinismos.

Não nos basta apenas testemunhar coisas fantásticas: é preciso acordar para perceber a sua importância na investigação do real. O mal é que nos acostumamos com o trivial, o rotineiro e então passamos a desconfiar do inédito, talvez - quem sabe? - por temê-lo. A testemunha preconceituosa, por isso, não passa de um sonâmbulo, pois vê o insólito deformado pelo seu condicionamento óptico, resultante do vigente paradigma científico.

Foram a miopia e o astigmatismo da comunidade científica do século XIX (e moderadamente da do nosso século) que impediram e ainda estão impedindo a percepção correta da inusitada fenomenologia paranormal. Uma pequeníssima minoria que teve “olhos para ver” (William Crookes, Charles Richet, Friedrich Zöllner, entre outros) foi hostilizada e ridicularizada por seus colegas implacáveis, sob o fundamento implícito de que o que não se compreende não existe.

À luz da Parapsicologia, o homem é dotado de um talento cognitivo especial (telepatia, clarividência, precognição) e de uma aptidão ocasional de agir psiquicamente sobre a matéria e sobre os seres vivos (psicocinesia). O paranormal é o normal incomum. Por isso, parece situar-se nas fronteiras das potencialidades do homem. Como não sabemos – e esta é a magna questão – quais os limites reais da capacidade humana, o que podemos é estabelecer teoricamente os parâmetros razoáveis desta capacidade.

O paranormal, portanto, pertence ao universo físico, embora contrarie o paradigma científico da realidade.

A paranormalidade, psicologicamente, enseja a especulação metafísica da divindade implícita do homem por atender à necessidade mítica do herói, latente no inconsciente da humanidade, tornando-nos capazes de prodígios que nos aproximam dos deuses, dando-nos o poder de dominar a matéria e o tempo e de contrariar as chamadas leis da natureza.

Consciente e inconsciente

Tido, pelos parapsicólogos, como causa da manifestação paranormal, o inconsciente se estabeleceu como núcleo do ser, desbancando o consciente para as áreas de fronteira entre o homem e seu contexto sociocultural.

Consciente e inconsciente não são entidades autônomas, mas expressões operativas da mente humana. O inconsciente não é um gênio oculto e sim a mente humana vista como um todo, onde o consciente constitui uma atividade seletiva em consonância com o conteúdo cultural onde cada homem está inserido.

Sob certos aspectos, o processo inconsciente é o modo não intencional que todos nós temos de resolver, de maneira extremamente habilidosa, os nossos problemas. Isto importa em reconhecer que o nosso modo consciente e intencional é rotineiro e pouco criativo.

O poder ilimitado do psiquismo inconsciente, defendido por alguns parapsicólogos, é a metafísica da Parapsicologia. Deram-lhe o nome pomposo de **super-psi**. Aliás, a ciência, como um todo, possui uma metafísica: a crença de que, um dia, explicará todos os fenômenos da natureza.

Mas até aonde vai o poder do nosso inconsciente? Simplesmente por que não conhecemos os seus limites, deveremos habituar-nos a tratá-lo como se fosse uma instância humana praticamente dotada de onisciência e onipotência? Um inconsciente que sabe tudo e pode tudo é, a bem da verdade, uma réplica ou sucedâneo de Deus.

A atitude de certos parapsicólogos tem sido radical: ou explicam todos os fenômenos insólitos pelo psiquismo inconsciente do agente psi ou negam a realidade daqueles que não cabem nesta hipótese, atribuindo-os à fraude, às deficiências da pesquisa ou ao misticismo do pesquisador. É evidente que todos os fenômenos paranormais são insólitos, mas nem todo fenômeno insólito é paranormal.

Jung já havia advertido que *"se o inconsciente fosse efetivamente superior à consciência, seria simplesmente difícil ver do que consiste, afinal, a utilidade do consciente, ou porque motivo o fenômeno da consciência surgiu no transcurso da evolução filogenética como um elemento necessário"*.

Apesar de todas as conquistas da investigação parapsicológica, uma parte significativa dos fenômenos paranormais permanece inabordável pela metodologia científica, sendo manifestamente insatisfatória a sua explicação por aptidões desconhecidas do psiquismo inconsciente, principalmente porque o conceito de inconsciente é extremamente vago tanto na Psicologia como na Parapsicologia.

Paranormalidade & transcendentalidade

A paranormalidade é uma forma de conhecimento e uma ação física que excedem a capacidade habitual do ser humano.

Ressalta-se, na manifestação paranormal, um agente conhecedor e executor de conhecimentos e habilidades não aprendidos, não só em relação ao nosso universo físico, mas também em domínios desconhecidos pela ciência, cuja interação com o mundo material redundava na infringência das "leis naturais".

Inicialmente, se faz necessário estabelecer as fronteiras entre o paranormal e o transcendental, definindo os seus respectivos domínios fenomenológicos. A tarefa de distinguir o transcendental do paranormal ainda é mais árdua do que a de distinguir o paranormal do normal. Assim, a pesquisa transcendentológica procura, preliminarmente, determinar se um dado fenômeno insólito é de natureza paranormal ou transcendental. É quase sempre difícil estabelecer esta distinção, pois não existe um critério confiável para determinar uma clara fronteira entre as duas ordens de fenômenos. Por isso, adotamos o critério da razoabilidade, o qual consiste em declarar que um

fenômeno insólito é transcendental quando ele não pode, razoavelmente, ser atribuído a ação do inconsciente do agente psi.

Há, portanto, uma imperiosa necessidade de se demarcar, teoricamente, os limites operacionais do inconsciente nas suas manifestações paranormais. Mas, como ainda não sabemos os limites da capacidade humana, só podemos estabelecer, teoricamente, os parâmetros razoáveis desta capacidade. O poder ilimitado do inconsciente, defendido por alguns parapsicólogos, não passa de uma hipótese metafísica e, portanto, incompatível com a natureza científica da Parapsicologia.

A Parapsicologia, por ser uma ciência, não pode lidar com hipóteses metafísicas, e só lhe compete atribuir ao homem a causa exclusiva dos fenômenos paranormais. Assim, ela não deve apenas afirmar que o inconsciente é a causa daqueles fenômenos, mas comprovar experimentalmente esta hipótese, mediante a utilização de técnicas e procedimentos estritamente científicos. Para isso, é necessário que ela demonstre que o agente psi pode produzir voluntariamente alguns deles. Porém, são raríssimos os fenômenos paranormais que ocorrem em tais condições e, assim mesmo, a sua magnitude é enormemente inferior àqueles que acontecem espontaneamente e, em alguns casos, contra a vontade do agente psi.

É necessário que o parapsicólogo esteja ciente desta limitação, reconhecendo que certos fenômenos não podem ser satisfatoriamente explicáveis pelo inconsciente. Nem sempre a inteligência e a intencionalidade, que existem por trás de tais fenômenos, parecem ser a evidência de uma autonomia operacional da inconsciência humana. Na verdade, é de difícil defensibilidade a hipótese de que, a nível inconsciente, o homem possui o conhecimento de leis que ignora em seu estado de vigília e que contraria o atual paradigma científico da realidade. Enquanto não soubermos como o inconsciente age para produzir estes fenômenos, estaremos fazendo apenas uma especulação sem qualquer respaldo experimental e até mesmo empírico.

É claro que certas pessoas, após um longo treinamento, são capazes de interferir nas atividades involuntárias do organismo, como, por exemplo, aumentar ou diminuir os batimentos cardíacos e aumentar a temperatura do corpo e, em alguns casos, produzir, voluntariamente, fenômenos paranormais. O que se questiona é se tais poderes são inatos ou consequência de prévio treinamento.

Acontece que, na maioria dos casos, esta aptidão é inata em algumas pessoas. Elas a descobrem, na maioria das vezes, por acaso, e quase nunca conseguem, durante toda a sua vida, utilizá-la voluntariamente.

Se há fenômenos paranormais que não são, até agora, cientificamente explicáveis pelo psiquismo inconsciente seria, na verdade, um evidente excesso de antropomorfismo admitir que o homem, a nível inconsciente, possua conhecimento de leis e manipule forças ainda desconhecidas da ciência.

Estes fenômenos insólitos, que transcendem o paranormal, são os fenômenos transcendentais os quais pertencem a outra ordem da realidade. Assim, pode-se definir a transcendentalidade como o conjunto fenomenológico resultante de uma interação entre o universo físico e a realidade transcendental mediada ou não por um ser biológico, no caso um ser humano.

O problema da sobrevivência *post-mortem*

Obrigado por visitar este ebook!

Você pode ler a versão completa deste ebook em diferentes formatos:

- HTML (Grátis / disponível para todos os usuários).
- PDF / TXT (Disponível para membros VIP. Membros com uma inscrição básica podem acessar até 5 ebooks em formato PDF / TXT durante o mês).
- Epub e Mobipocket (Exclusivo para membros VIP).

Para baixar esse livro completo, basta selecionar abaixo o formato desejado:

